



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Magna Felix da Silva Patricio

O TEMPO EM “ETERNO!”, DE MACHADO DE ASSIS

Guarabira – PB

2017

Magna Felix da Silva Patricio

O TEMPO EM “ETERNO!”, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada, em cumprimento
aos requisitos para obtenção do grau
Licenciado em Letras, à Universidade
Estadual da Paraíba – Campus III

Orientador: Eduardo Henrique Cirilo
Valones

Guarabira – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

P314t Patrício, Magna Felix da Silva.
O "Tempo em eterno!" de Machado de Assis [manuscrito] :
/ Magna Felix da Silva Patrício. - 2017
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Tempo. 2. Efemeridade. 3. Machado de Assis. 4.
Aspectos Atemporais. 5. Conflito Psicológico.

21. ed. CDD B869.3

MAGNA FELIX DA SILVA PATRICIO

O TEMPO EM "ETERNO!", DE MACHADO DE ASSIS

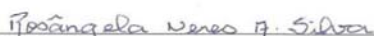
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção de título de graduada em Letras.


Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 01/12/17.

Banca examinadora


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente ao meu pai, Damião, que não está mais entre os vivos, mas permanece vivo em meu pensamento e em meu coração, com suas insistentes palavras que me deram instruções: Ser uma pessoa boa e que estudasse bastante, fazer as coisas certas e viver corretamente.

Dedico imensamente à minha família pelo incentivo e paciência e ao meu marido de nove anos de estrada, parceiro, sócio, amigo, amante, namorado, enfim, um grande companheiro. A sua ponderação, atuação racional, paciência, compreensão foram sempre muito importantes para eu manter o equilíbrio. Sem sua força isto talvez não fosse realizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que me ajudaram neste processo de construção do conhecimento.

Ao querido orientador professor Eduardo Henrique Cirilo Valones, que se interessou pelo meu trabalho e me atendeu tão prontamente na construção e revisão do mesmo, agradeço pela confiança, pela paciência, amizade e amabilidade, por me incentivar em momentos tão difíceis que passei, não me deixando desistir e me apoiando sempre.

Aos meus professores Aparecida, João Paulo, Eneida, Rafael entre outros da UEPB, e a própria instituição pelo incentivo e pela oportunidade de agregar conhecimento.

Agradeço a minhas/meus colegas de sala Edna e Waléria pela paciência, pelo estímulo e força.

A minha família que me apoiou para que eu persistisse e concluísse o curso, mesmo com as diversas barreiras que enfrentei.

Busquei o conhecimento e encontrei exemplos. Aprendi com estes Mestres, valores que agregaram muito enquanto docente e enquanto ser humano.

Agradeço à Deus por me permitir chegar até o final, me permitindo crescer ainda mais no futuro, pois o bom profissional deve estar em constante renovação e profissionalização.

E, finalmente, agradeço a aos professores desta banca examinadora, pela disponibilidade e leitura paciente do presente trabalho. E aqui, especialmente, fazem parte da conclusão e realização de um sonho: ser formada em Letras.

(...) mas o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais subtil obra deste mundo, e acaso do outro.

Machado de Assis, Esaú e Jacó.

O TEMPO EM “ETERNO!”, DE MACHADO DE ASSIS

Resumo

Patricio, Magna Félix da Silva.

O presente trabalho tem por objetivo destacar como Machado de Assis, em seu conto *Eterno!*, utiliza-se de elementos temporais para esboçar como as ações das personagens se baseiam no interesse e em conflitos psicológicos. Se valendo da possível contraposição que existe entre efemeridade e eternidade e com uso de uma linguagem próxima da fala coloquial, fala sobre sentimentos e ideias, dessa forma, o autor consegue mexer com tradições e representações pré-estabelecidas pela sociedade. A metodologia empregada foi a analítica-interpretativa, onde utilizamos contribuições dos estudos de autores teóricos como BOSI (2000); GANCHO (2004); NETO (2008); COUTINHO (1960); Júnior (2006); entres outros. Em *Eterno!*, percebe-se a construção de um texto com uso de elementos temporais e de parte da história de personagens de forma que se pode estabelecer um diálogo aberto entre certas camadas sociais. É também perceptível a capacidade do texto em decodificar as categorias estilísticas e ir além da intertextualidade.

Palavras-chaves: Tempo. Aspectos atemporais. Efemeridade. Conflito psicológico. Machado de Assis.

Weather in "Eterno!", Machado de Assis

Abstract

Machado de Assis, in his Eternal fictional story, uses temporal elements to sketch how the characters' actions are based on interest and psychological conflicts. Using the possible opposition between ephemerality and eternity and using a language close to colloquial speech, he talks about feelings and ideas, in this way, the author manages to deal with traditions and representations pre-established by society. In his work, one can see the construction of a text using temporal elements and part of the history of characters so that an open dialogue can be established between certain social strata. Also noticeable is the ability of the text to decode stylistic categories and go beyond intertextuality.

Keywords: Time. Timeless Aspects. Efemeridade. Psychological conflict. Machado de Assis.

SUMÁRIO

1	
INTRODUÇÃO.....	01
2 AUTOR/OBRA.....	02
3 ELEMENTOS DA NARRATIVA.....	04
3.1 Personagens.....	04
3.2 Espaço.....	04
3.3 Narrador.....	05
3.4 Enredo.....	06
3.5	
Discurso.....	07
4 TEMPO.....	08
4.1 Aspectos atemporais.....	10
4.2 Aspectos de efemeridade.....	11
5 ANÁLISE DO CONTO.....	12
5.1 A influência de elementos temporais nas ações e pensamentos das personagens.....	12
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é ressaltar como Machado de Assis, em seu conto “Eterno!”, utiliza-se de elementos temporais para esboçar como as ações das personagens se baseiam no interesse e em conflitos psicológicos. Além disso, nota-se o uso de uma linguagem próxima da fala coloquial para falar sobre sentimentos e ideias, e, dessa forma, o autor acaba, por vezes, mexendo com tradições e representações pré-estabelecidas pela sociedade.

Em sua obra, é possível perceber a construção de um texto com uso de elementos temporais e de parte da história de personagens, de forma que se pode estabelecer um diálogo aberto entre esses constructos e a realidade de certas camadas sociais, ou seja, perceptível a capacidade do texto em decodificar as categorias estilísticas e ir além da intertextualidade.

Através da obra do próprio escritor e também textos de outros autores que se fazem necessários à análise que nos propomos, objetivamos discutir os artificios a partir dos quais a obra ficcional “Eterno!” se relaciona com a sociedade e os conflitos psicológicos retratados pelo escritor a partir do uso de elementos temporais.

Ao mesmo tempo em que se aproxima de um procedimento moderno de escritura, Machado de Assis possivelmente abandona as estratégias que buscavam tornar a ficção apenas uma representação de uma realidade exterior ao texto, como alguns estudiosos questionavam que era estabelecido no movimento literário anterior.

Assim, este estudo inclina-se, em primeiro momento, a salientar a importância, a vida e obra de Machado, o diálogo constante entre os elementos temporais, os elementos atemporais e de efemeridade nesta obra literária. Discutindo como dessa fértil simbiose resultou um dos mais notáveis e envolventes contos do intelectual fluminense, recorreremos a vários estudiosos que também identificaram em Machado os traços relevantes que nele se infundiram e o enriqueceram.

Com base nisto, buscamos apontar o que marcou a concepção realista dentro do conto; empreendemos para isso, no segundo momento, uma análise mais detida dessa obra, seus aspectos de forma e conteúdo e sua relação estreita com os elementos que propõem eternidade e efemeridade e como esses influenciam o desenrolar da história, ou seja, a linha norteadora de nossa análise será a concepção da ambivalência temporal e conflitos psicológicos das personagens nesse texto de Machado de Assis. Além das

transformações causadas nas personagens em função desses conflitos possivelmente influenciados pelo tempo.

Para alcançarmos nosso objetivo nossa fundamentação teórica se voltou para autores como BOSI (2000); GANCHO (2004); NETO (2008); COUTINHO (1960); Júnior (2006); entre outros que trataram das questões acerca de tempo, de atemporalidade, de efemeridade e de eternidade.

2 AUTOR/ OBRA

O escritor Joaquim Maria Machado de Assis é produtor do conjunto de obras das mais importantes e estudadas da literatura brasileira. A conservação de pesquisas e estudos diversos em suas produções pelo mundo, pode ser justificada pelo singular formato de apresentação das realidades psicológica e comportamental das camadas sociais brasileiras.

Assim, Machado de Assis, com sua obra contraria o realismo dominante no século XIX e mantém diálogo constante com a realidade brasileira incorporada a partir de sua estética moderna e fragmentária. O autor faz uso de uma linguagem próxima da nossa realidade para falar sobre sentimentos e ideias.

Suas narrativas, de costume, contêm comentários e explicações; recurso que favorece ao seu realismo diferenciado, bastante preocupado com o entendimento dos comportamentos

Não insisti para não atropelar os acontecimentos... Que o leitor me não condene sem remissão nem agravo. Sei que o papel que eu fazia não era bonito; mas já lá vão vinte e sete anos. Confio do Tempo, que é um insigne alquimista. Dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamantes; quando menos, em cascalho. Assim é que, se um homem de Estado escrever e publicar as suas memórias, tão sem escrúpulo, que lhes não falte nada, nem confidências pessoais, nem segredos do governo, nem até amores, amores particularíssimos e inconfessáveis, verá que escândalo levanta o livro. (MACHADO de ASSIS, 1889, P. 06)

Contextualizar aspectos da sociedade de forma crítica, as vezes irônica, e possivelmente interpretar a essência humana em determinado momento histórico-social e levá-los à tona em sua produção, são referências que demonstram a singularidade do autor.

Ao nosso ver, e, de acordo com pesquisas relacionadas à temática, Machado de Assis tem maior destaque a partir do rompimento literário com a tendência nacionalista e romântica, como diz Miguel Sanches Neto (2008):

Machado de Assis é nosso autor mais universal, pois compreendeu como poucos a triste comédia humana, em elaboradas lições de lucidez crítica. Em sua obra, a literatura ganha, entre nós, uma dimensão filosófica ainda insuperável, ultrapassando definitivamente o domínio das futilidades românticas. A sua leitura continua sendo garantia de prazer para quem quer algo mais do que brincar com as palavras. Machado de Assis foi um prodígio. Com origens tão humildes, conquistou o respeito e a admiração de seus contemporâneos, a glória e a imortalidade. E obteve tudo isso graças ao seu valor, ao seu esforço e à Literatura. Ele é considerado um dos maiores escritores brasileiros, pois sua obra é sempre atual e capaz de encantar leitores. Ela tem sido explorada por grandes estudiosos da Literatura e é composta de romances, contos, crônicas, poemas, textos teatrais e textos críticos. (p.39)

Assegurar que o trabalho de contista, que esteve presente em grande parte da vida de Machado de Assis (1870 a 1906) corroborou para a sua configuração como ilustre escritor não é vã definição e muito menos irrelevante. Seguindo desse pressuposto, podemos correlacionar sua significativa influência na literatura na sociedade brasileira.

Com diversas publicações, seu trabalho sugere, a partir de sua composição, um diálogo sócio histórico com a sociedade, adequado a seu contexto, e demonstra a utilização de artifícios como elementos temporais e de suas influências confirmativas acerca dos conflitos psicológicos, podendo chegar a afetar as ações pessoais nas personagens de sua obra.

Assim, a verossimilhança é destaque na narrativa que envolve e cativa o leitor, sendo esta a essência da ficção de acordo com Gancho (2004)

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação (*causa*), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (*conseqüência*). Em nível de análise de narrativas, a verossimilhança é verificável na relação causal do enredo, isto, cada fato tem uma causa e desencadeia uma conseqüência.(p.08)

Intrínsecos aos fatos e ao desencadeamento consequente no enredo estão os outros elementos da narrativa que contribuem, nas obras machadianas, não só como aspectos estruturais, mais para a configuração da originalidade intertextual “do mundo no texto” como observados aqui sobre o conto “Eterno!”

3 ELEMENTOS DA NARRATIVA

O conto *Eterno!* está no livro *Páginas recolhidas* de Machado de Assis que foi publicado em 1889. Condensa em sua estrutura e natureza ficcional, fatos verossímeis que dão credibilidade ao que nos propusemos analisar sobre o tempo em sua relação causal (como a causa de cada fato influenciado pelo tempo desencadeia uma consequência).

Eterno! é uma narrativa que conta uma parte da história de Simeão Antônio de Barros, um “vadio” estudante de medicina do Rio de Janeiro, órfão, que tinha apenas um tio que morava na Bahia e lhe pagava as contas. Com a proposta de auxiliar seu amigo Norberto e obedecer seu tio que ameaçou para de custear seus gastos, Simeão disse que iria com o Barão e a Baronesa para a Bahia e tentaria descobrir se ela nutria algum tipo sentimento por Norberto que a amava. Contudo, a medida que Simeão visitava a casa da Baronesa na Bahia, suas relações se tornavam mais “familiares”, e, assim, ele ia se afastando do que prometeu a Norberto. Simeão se casa com Iaiá Lindinha e volta para o Rio de Janeiro. Ao visitar seu “velho” amigo Norberto, Simeão não fala sobre os acontecimentos e se despede, vai ao encontro de sua esposa Iaiá Lindinha com uma interrogação no pensamento.

O conflito e maior parte do enredo estão provavelmente enfocados nas emoções e nos fatos ligados a elas, que desencadeiam a tensão sobre a possível concretização, por exemplo, da relação amorosa entre Norberto e Iaiá Lindinha (que seria auxiliada por Simeão) e posteriormente entre Simeão e Iaiá Lindinha e o encontro entre Simeão e Norberto no desfecho da estória, pois seu “pacto” não foi levado a diante nem tão pouco foi desfeito.

A partir das nossas observações sobre o conto, analisaremos a questão atemporal apontada, a partir da característica fixa e tradicional sugerida. Analisaremos o aspecto de eternidade levantado no conto como questão de destaque.

3.1 Personagens

Sete personagens têm maior destaque na obra:

1. Simeão Antônio de Barros (narrador): desinteressado da vida acadêmica, perspicaz, defensor da “boa vida”;
2. Norberto: amigo do narrador, personagem passional;
3. Iaiá Lindinha: mulher bela e que preza pelo *status* e notoriedade social; causa do sofrimento de Norberto, que lhe tem paixão, e é esposa do Barão de Magalhães;
4. José Soares de Magalhães: conhecido por Barão de Magalhães, título obtido para agradar a esposa trinta anos mais jovem;
5. Tio do Simeão Antônio de Barros: personagem que custeava os estudos do narrador a fim de vê-lo formar-se doutor com intenção de ter um familiar com este título ;
6. Escrava: ama de leite dos filhos de Norberto;
7. Carmela: esposa de Norberto se encaixada do padrão convencional familiar.

3.2 Espaço

Existem seis apresentações de espaços diferentes que expressam no conto, de forma que destacamos cada um deles para melhor compreensão:

No primeiro momento, o espaço em que os fatos acontecem é o quarto de Norberto: “NÃO ME EXPLIQUE nada, disse eu entrando no quarto; é o negócio da baronesa. Norberto enxugou os olhos e sentou-se na cama, com as pernas pendentes.” p.01;

O segundo espaço que compõe a sequência e o quarto de pensão de Simeão no Rio de Janeiro: “Amarrotei o papel, finquei os olhos numa litografia muito ruim do Visconde de Sepetiba, que já achei pendente de um prego, no meu quarto de pensão, e disse-lhe os nomes mais feios, de maluco para baixo” p. 02; A casa do Barão e baronesa de Magalhães também no Rio de Janeiro, também serve como pano de fundo para os acontecimentos: “Na noite de sexta-feira estive em casa dela, com a família, até onze horas; mas, com o pretexto de passar comigo a última noite da minha estada aqui, veio realmente chorar tantas e tais lágrimas(...)” p.03;

Durante maior parte do enredo o desenrolar da estória se passa na casa do Barão e da Baronesa na Bahia:

O barão veio indicar-me os lugares que a gente via do paquete, — ou a direção de outros. Ofereceu-me a casa dele, no Bonfim(...) A baronesa — ou Iaiá Lindinha, que era ainda o nome dado por toda a gente, — recebeu-me com tanta graça, e o marido era tão hospedeiro e bom(...). (p.05)

O reencontro dos “velhos” amigos acontece na casa de Norberto no Rio de Janeiro: “No fim de quatro dias, soube que Norberto morava para os lados do Rio Comprido, estava casado. Tanto melhor. Corri a casa dele. Vi no jardim uma preta amamentando uma criança, outra criança de ano e meio, que recolhia umas pedrinhas do chão(...)”p.08;

E, finalmente, os últimos momentos acontecem na Rua da Glória e do Russell e do Flamengo e quarto de hotel de Estradeiros

(...) dei por mim, estava na Rua da Glória. O demônio continuava a falar; paguei, e desci até à Praia da Glória, meti-me pela do Russell e fui sair à do Flamengo. O mar batia com força.(...) Cheguei ao Hotel de Estrangeiros ao declinar da tarde. Minha mulher esperava-me para jantar. Eu, ao entrar no quarto, peguei-lhe das mãos(...). (p.10)

3.3 Narrador

O narrador está caracterizado como em primeira pessoa, narrador-personagem protagonista, que não sabe tudo nem está presente em todas as partes da história como configura Gancho (2004), que o narrador em:

Primeira pessoa ou narrador personagem: é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitada isto e, não é onipresente, nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes de narrador personagem. P. 21

O narrador de Eterno! nos insere, de forma verossímil, no contexto social brasileiro e nos propõe uma reflexão a partir de sua ótica de personagem principal, mas com visão delimitada dos acontecimentos e dos sentimentos das demais personagens envolvidas e presentes no enredo. E, com isso nos permite também produzir nossas próprias interpretação correlacionais.

3.4 Enredo

O conto nos possibilita a percepção de *vida* e de movimento essenciais para que compreendamos a organização dos fatos no enredo, o que nos permite ir além do entendimento de “começo, meio e fim” imanentes à história. O conflito é o elemento estruturador necessário para essa compreensão, ele é definido por Gancho(2004) como:

Qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Além dos conflitos já mencionados, entre personagens, e entre o personagem e o ambiente, podemos encontrar nas narrativas os conflitos morais, religiosos, econômicos e psicológicos; este último seria o conflito interior a uma personagem que vive uma crise emocional.(GANCHO, 2004, p. 03)

De acordo com as definições de Gancho (2004) de “*exposição* (introdução ou apresentação dos fatos iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço); de *complicação* (ou desenvolvimento); de *clímax* (momento culminante, de maior tensão, ponto máximo dos conflitos) e de *desfecho* (desenlace ou conclusão, a solução dos conflitos)”(p. 03) produzimos nossa percepção desses elementos presentes no conto *Eterno!*

Começando já no meio dos acontecimentos, o conto *Eterno!* Tem estrutura peculiar em torno de seu conflito, ou seja, como já no início se mostra a ação em desenvolvimento, assim, não dispomos da parte *exposição* ou *apresentação* no conto em análise. A narrativa começa direto no o elemento *complicação* com o desenvolvimento das ações e dos conflitos conduzindo o enredo ao clímax:

“—NÃO ME EXPLIQUE nada, disse eu entrando no quarto; é o negócio da baronesa. Norberto enxugou os olhos e sentou-se na cama, com as pernas pendentes. Eu, calvalgando uma cadeira, pousei a barba no dorso, e proferi este breve discurso:

—Mas meu pateta, quantas vezes queres que te diga que acabes com essa paixão ridícula e humilhante? Sim, senhor, humilhante e ridícula, porque ela não faz caso de ti; e demais, é arriscado. Não? Verás se o é, quando o barão desconfiar que lhe arrastas a asa à mulher. Olha que ele tem cara de maus bofes”(MACHADO DE ASSIS, 1989, p. 01)

Norberto sente profunda angústia e até “vontade de morrer”, pois sua amada e esposa do Barão de Magalhães iria voltar a morar no Estado da Bahia sem que ambos tivessem conversado a respeito de seus sentimentos, Simeão por outro lado, ou iria morar na Bahia ou não receberia novamente mesada de seu tio que lhe pagava as contas. Então Simeão convida Norberto para irem juntos, mas o pai do “jovem amigo” não permite tal fato.

Simeão promete ao amigo se aproximar da Baronesa e descobrir se ela sente amor por Norberto e avisá-lo através de cartas, se isso se confirmasse ele iria para a Bahia de qualquer forma, “por bem ou por mal”. Simeão vai para a Bahia e visita com frequência a casa da Baronesa e, nos primeiros meses recebe e envia cartas ao amigo lhe informando suas impressões que não eram muito esclarecedoras e com o passar do tempo ele vai sutilmente deixando de escrever ao amigo e vice-versa.

Simeão se casa com a baronesa após a morte do barão e de se formar como doutor. A pedido da esposa, voltam para o Rio de Janeiro e ele resolve ir visitar o “velho amigo”.

O clímax do *enredo* acontece quando Simeão chega no Rio de Janeiro com sua esposa, e, sem ter comunicação ou informação de seu amigo Norberto à “vinte e sete anos” ele resolve visitar a casa do amigo antes que ele “soubesse de sua chegada” e resolvesse visita-lo. Durante a visita, Simeão faz o possível para que Norberto não pergunte de sua filiação, e testemunha mais uma vez o depoimento intenso e vigoroso de expressão do amor sentido por seu “velho amigo”.

Vinte e sete anos antes, Norberto defendeu a eternidade do amor sentido pela baronesa de Magalhães (Iaiá Lindinha) e morreria por esse amor. Durante a visita do amigo Simeão depois desse tempo passado, ele defendeu com a mesma intensidade marcante e veemente que o amor que sente por sua esposa Carmela é eterno, como uma criança eterna.

Assim se segue a solução do conflito produzido pelas personagens, o desfecho demarca o fim da história com a reflexão do conceito de eterno pelo narrador-personagem Simeão que pergunta ao cocheiro que lhe leva para junto de sua esposa e do qual não atenta para sua resposta. Ao chegar junto de sua esposa Iaiá Lindinha, lhe faz a mesma pergunta: “O que é eterno?” ela lhe responde que é o amor que lhe tem e ele janta “sem remorsos; ao contrário, tranquilo e jovial[...].”

3.5 Discurso

A narrativa pode evidenciar a fala do narrador (narração) e o que os personagens dizem, isso variando “ de acordo com as condições socioeconômicas de seu meio, a idade, o grau de instrução e ainda a região em que vivem” (GANCHO, 2004, p. 33). Há três tipos de discurso, de acordo com a autora Cândida Vilares Gancho(2004): o Discurso Direto que “é o registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz. Isso equivale a afirmar que o personagem fala diretamente, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzi-la. ” (GANCHO 2004, p. 33)

Observamos no conto em análise, vários exemplos deste tipo de discurso. No começo da obra já nos deparamos com a fala direta da personagem: “— NÃO ME EXPLIQUE nada, disse eu entrando no quarto; é o negócio da baronesa.”(ASSIS, Machado. 1889,p. 01). Dessa mesma forma, encontramos ao longo de todo o conto, falas diretas das personagens, onde o narrador se limita a introduzi-las e, no mais, não interfere.

Sem a antecedência de uso de dois pontos para isolar a fala, mas pontuando com travessão na outra linha (no início da fala), o narrador se encarrega de esclarecer antes quem e porque falou terminando a sentença com um ponto, como no exemplo seguinte:

“Foi neste ponto que abri a carta do amigo Norbeto e corri à casa dele. Já sabem o que lhe disse;
Saibam agora que, depois do gesto, disse com olhar sombrio que esperava de mim outros conselhos.
—Quais?
Não me respondeu.
—Que compres uma pistola ou uma gazua? algum narcótico?.”(MACHADO DE ASSIS, 1889, p. 02)

A fala dos personagens também aparece no conto, por vezes, registrada pelo narrador que “serve como intermediário entre o instante da fala do personagem e o leitor” segundo (GANCHO, 2004, p. 36) este é o discurso indireto: “Para peitar minha sagacidade, afirmou que o desengano mata-lo-ia, porque esse amor, eterno como era, iria fartar-se na morte e na eternidade[...]”(MACHADO DE ASSIS, 1989, p. 05)

Não obstante a presença de discurso direto e indireto em grande parte do enredo que é narrado em primeira pessoa, é possível notar também a existência de discurso indireto livre, que de acordo com a concepção de Gancho (2004, p. 39) é:

“um registro de fala ou de pensamento de personagem, que consiste num meio-termo entre o discurso direto e o indireto, porque apresenta expressões típicas do personagem mas também a mediação do narrador.[...] 1. Geralmente é usado para transcrever pensamentos. 2. Mantem as-expressões peculiares do personagem (por exemplo, "droga!") e a correspondente pontuação: interrogação, exclamação. Não apresenta o "que" e o "se", típicos do discurso indireto. Não apresenta geralmente verbo de elocução. 5. A fala ou pensamento do personagem segue tempos verbais, adjuntos adverbiais e pronomes como no discurso direto (3: pessoa).”

Esse tipo de discurso nos possibilita apontar que o conto *Eterno!* abrange manifestações variadas dos registros de fala dos personagens da narrativa. O discurso indireto livre aparece como reflexão, não do narrador mas do personagem: “Norberto deu de ombros, com um laivozinho de escárnio no canto da boca. Que homem? Que era ser homem senão amar a mais divina criatura do mundo e morrer por ela?” (ASSIS, Machado, 1989, p. 02)

O elemento Tempo estaremos discorrendo mais detalhadamente a seguir.

4 O TEMPO EM “ETERNO!”

A narrativa nos permite destacar a categoria Tempo, pois, este é objeto principal de nosso estudo. Numa análise estrutural, podemos inferir que este ocorre de forma psicológica, em *flashback*. Além de começar *in medias res*¹ com um diálogo entre personagens.

Nos convém analisar aqui o tempo fictício, que é o entranhado ao enredo, inerente ao texto, que servindo não apenas como “pano de fundo para o enredo”, o tempo em *Eterno!* coincide com a época em que a obra foi publicada (em 1889), nela a história se dá também no século XIX, na década de 80, como fica claro no trecho da obra:

“A morte resolveu o problema, levando consigo o barão, por meio de ataque de apoplexia, no dia vinte e três de março de 1861(...)” (p. 07)

¹ O que significa que a ação trágica deve começar em um determinado momento não muito longe do ponto culminante da trama. (RANGEI, 2011, p. 68)

Em seu estudo crítico *Machado de Assis na literatura brasileira* (1960), Afrânio Coutinho, fala com relação às compreensões acerca do que concebe como tempo na narrativa machadiana. Ele comenta o seguinte:

Estreitamente ligada a esse grupo [da temática sobre o sentimento trágico da existência] é a temática do tempo, outro ciclo de grande importância na obra machadiana: a irreversibilidade do tempo, o fluir contínuo e ilógico, a lei da mutabilidade eterna, a transitoriedade de tudo, o aspecto destruidor e corruptor do tempo, conduzindo à decadência física e à morte, a inanidade de qualquer esforço pois o fim é o mesmo, o escoamento implacável, a perecibilidade do ser humano contrastando com o ideal da vida perpétua, a descontinuidade humana, o nada como fim de todas as coisas e seres, a fluência constante produzindo a dissolução da personalidade, o contraste entre o tempo subjetivo e o tempo histórico, o mito da infância e sua despreocupação com a angústia do tempo e a morte, a passagem constante das idades e gerações na corrida atrás de quimeras, a necessidade de esquecer o passado e sua presença obsedante e inarredável pela recordação e pela memória, que só a loucura evita. (COUTINHO, p.53)

Complementando esse conceito, Lopes e Reis (1988, apud Júnior, 2006) defendem que

O tempo da história constitui a dimensão eminentemente temporal que preside a *narratividade*(v.) e a importância de que se reveste, para a existência humana, a vivência do *tempo*. A essência de certos *gêneros narrativos* (v.), como a *autobiografia* ou as *memórias*, tem justamente que ver com a experiência humana do *tempo*, no seu devir irrefreável; e em termos mais genéricos (*apud*) Ricoeur declara “que existe entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, dito de outro modo: *que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado num modo narrativo, e que a narrativa atinge a sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal*”(p. 221-222)

A interpretação das possibilidades linguísticas sobre a condição temporal na narrativa pode apresentar em sua configuração a manifestação de “metamorfose do tempo”: o tempo psicológico. Entendido como um filtro das subjetividades da personagem que sofreram “transformações e redimensionamentos” condicionados pelo tempo da história, essa percepção é estabelecida por Lopes e Reis (1988, apud Junior 2006) e apresenta a sugestão: “Diretamente relacionado com o devir existencial da sua mudança, do desgaste e da erosão que sobre ela provoca a passagem do *tempo* e as experiências vividas(...)” (p.221)

Partindo deste ponto para a relação entre história e discurso na narrativa, é relevante destacar a detenção de poder da ordem temporal sobre a sistematização da narrativa, onde a distribuição dos fatos não segue a mesma regularidade. Assim, o tempo do discurso pode omitir uma sequência ou adiantá-la (analepse/prolepse) do momento

cronológico de ocorrência dependendo do que o narrador irá privilegiar, isso de acordo com Junior (2006)

Se é certo que a ordem temporal tende a ser encarada como consequência da causalidade que ativa a sucessão lógica dos acontecimentos integrados na história, também é certo que a reordenação, no plano do discurso, desses acontecimentos abre caminho a variadas possibilidades explicativas, normalmente inspiradas pelas motivações subjacentes a reordenação mencionada: relação dialética passado/presente, apresentação(...), recuperação de fatos necessários para se compreender, em termos funcionais, a dinâmica da ação, são algumas dessas motivações, naturalmente em sintonia com o contexto temático-ideológico que caracteriza a narrativa. (p. 269)

Essa ordem temporal nos sugere uma interação constante entre causa e efeito que podem influir nos pensamentos, reações e atitudes, ou, ainda, nos interesses pessoais servindo como motivação para a tomada de decisões a partir do que se expõe como possibilidade que afetará os acontecimentos.

4.1 Aspectos atemporais

O narrador não está sujeito ao passado, presente e futuro imanentes a narrativa, concretizando assim, uma “abstração temporal” nos acontecimentos relatados, que caracteriza a natureza atemporal na narrativa, pois segundo o *Dicionário da Língua portuguesa*, de Evanildo Bechara (2011) atemporal significa o que “não muda com o tempo, ou que não se vincula a tempo algum.” Perante este conceito e relacionando-o com o conto *Eterno!*, podemos supor que estão presentes no conto, muitas características que se possam ser concebidas como não afetadas pelo tempo, ou seja, que sejam atemporais.

Assim sendo, mesmo com o uso de elementos que também servem para “indicar tempo” como “jovem” e “velho” para identificar a amizade que existia entre Simeão e Norberto, por exemplo, esta pode ser identificada como sendo uma característica atemporal presente na trama e que, se relacionarmos com nosso contexto, notamos que parte da sociedade preserva como instituição fixa, e, portanto, a que o tempo não detém o controle: “éramos íntimos, os pais não recusariam este favor à nossa jovem amizade; (...)Estás mais gordo, meu velho! Gordo e bonito(...); O pai contou-lhe então que eu era um amigo de papai, muito amigo, desde o tempo em que vovô e vovó eram vivos...”(ps. 03-08-09)

Outras relações no conto que merecem destaque são a hierarquia estabelecida entre *Amor-Status-Casamento* que representam, assim, características imanentes às classes sociais; isso de acordo com estudos que nos serviram de base. Salientamos a

existência dessa relação com a estrutura hierárquica vigente no referencial do que se concebe como o *padrão* social.

Assim, destacamos do conto que os que mantêm padrões convencionais e tradicionais comumente ao seu *status* e notoriedade social e familiar, implicitamente, pode estar sugerindo dizer que quem ocupa posição social, de acordo com a tradicional concepção de referencial social, são os que “*importam*” na sociedade, portanto os que não mantêm essa posição não tem a mínima relevância na “alta sociedade” nem o respectivo prestígio que classificam as estruturas sociais.

Partido dessa concepção, podemos sugerir que o casamento serve como um dos suportes que mantém essa estrutura vigente. Onde o amor é apresentado como sendo atemporal, contudo carrega a relatividade, que possivelmente, divide com o conceito de eternidade na obra, que depende da circunstância e da insustentabilidade do que é condizente com o que a sociedade considera como referência a ser alcançada e/ou mantida.

4.2 Aspectos de efemeridade

Um instante é o bastante para a promoção de uma cadeia de eventos que podem alterar não só os sentimentos e pensamentos, mas as ações pessoais. Convencionamos falar de efemeridade relacionada ao sentido da vida como abstração subjetiva que simboliza a finitude de forma imediata.

Assim, também, é a possível conexão que existe com o conceito de efemeridade relacionando-a a tempo. Com isso, surge o desenvolvimento da interação infinda entre causa e efeito, resultando, frequentemente, nas mudanças que a passagem do tempo pode provocar no estabelecimento dos eventos futuros; assim compreendemos, a partir do que Nunes (2003) nos explica, que

Enquanto o tempo físico se traduz com mensurações precisas, que se baseiam em escalões unitários constantes, para o cômputo da duração, o psicológico se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças, “intervalos heterogêneos incomparáveis”.

Bem diferente é a ordem objetiva do tempo físico, que se apóia no *princípio de causalidade*, isto é, na conexão entre causa e efeito, como forma de sucessão regular dos eventos naturais. Assim, dizer que um evento antecede outro é afirmar que, sem o primeiro (causa), o segundo (efeito) não existiria, a ordem temporal acompanhando a conexão que os une e que não pode ser invertida (o efeito não pode vir antes da causa), a menos que a Natureza desandasse. Imaginemos gemas de ovos que se recompusessem dentro da casca ao serem

batidas, ou a água despejada que voltasse ao copo: figurações desconcertantes da reversibilidade dos processos de mudança que o cinema pode nos dar. Daí a irreversibilidade do *tempo* físico, que tem uma direção. Irreversível é também, de outra maneira, o *tempo* vivido, pois que ficou para trás o sabor do ovo comido ontem e o prazer da água há pouco bebida. Mas a sua direção, que lhe empresta o atributo da finitude, segue, de momento a momento, entre passado e futuro, a linha fugidia dos instantes vividos, encurtada à proporção que a vida se alonga, aproximando-nos da morte.

Na narrativa, a ordem temporal e a ordem causal se distinguem mas dificilmente se dissociam.

A estas corresponderia a história, "como uma narrativa de acontecimentos, dispostos em sua seqüência no tempos. (p. 18)

Nessa frequente ordem natural (com relação à tempo) de apreensão da realidade refletida sob sucessões de "imediatividades" devemos esclarecer, segundo Antunes (2009)

que por efêmero se entende, sobretudo, a marca do descartável e facilmente substituível, quer dos bens de consumo, quer dos próprios relacionamentos humanos. Trata-se, como já mencionado, da realidade mais imediata colocada em ação pela sociedade(...) marcado pela brevidade e aparente simplicidade, problematiza a realidade contemporânea em que as relações humanas parecem pautar-se pelo efêmero(...)
(p.141-144)

5 ANÁLISE DO CONTO

5.1 A influência de elementos temporais nas ações e pensamentos das personagens

A camada temporal necessária para narrar, apreciar, organizar os acontecimentos dentro de uma estória requer uma sequência receptiva e compreensão das estruturas externas e internas a obra, pois, para Cardoso (2001:38) "no texto narrativo, os eventos passam de um estado a outro. Esse tipo de texto caracteriza-se por apresentar acontecimentos que se sucedem no tempo". Ou seja, o acontecimento principal se transforma a medida em que um secundário é concluído e aquele que vem após este se inicia.

Ao tratar de tempo fictício, ou seja, tempo interno a narrativa, Benedito Nunes(2003) vai além da definição apresentada por Cardoso e conceitua:

[...] quatro tipos de tempo distintos: tempo físico, tempo histórico, tempo psicológico e tempo linguístico; tempo físico baseia-se nos fatos criados a partir do imaginário do autor, ou seja, os fatos inventados que compõem a

história; tempo histórico, por sua vez, corresponde aos fatos pertencentes ao mundo real, que podem ser comprovados através de documentos de sua existencialidade; tempo psicológico centra-se no campo psíquico da personagem, tenta fundir o presente com o passado num momento impreciso, tempo que originará os romances de fluxo; tempo linguístico, no entanto, refere-se aos dêiticos – hoje amanhã, agora, entre outros e estabelece o presente da enunciação que distingue o ato de narrar da voz narrativa.

A relação do tempo com a camada narrativa se reafirma também com os comportamentos das personagens, suas ações e sentimentos. Em *Eterno!* existem condições de exclusividade, por ser uma obra machadiana muito rica em aspectos sociais de sua época, e discorre conjuntamente a evolução das personagens esféricas ou não, para mostrar a importância de uma reflexão acerca da realidade cotidiana das diferentes camadas sociais.

Machado de Assis, para enriquecer o conto “Eterno!”, que aborda uma temática intensamente psicológica por centrar-se nas sensações interiores das personagens, apresenta elementos temporais para esboçar este lado das personagens, considerando que suas ações se baseiam no interesse e em conflitos psicológicos.

Com o narrador-personagem, em primeira pessoa, Machado de Assis consegue mostrar e explorar o comportamento humano além do que poderia ser captado apenas visualmente na vida cotidiana, expondo com grande ironia a vaidade e egoísmo do homem, e como estes vão tomando forma com o passar do tempo; ao invés de reduzirem de proporção na personalidade pessoal, por vezes, eles se fixam com afinco.

Ao tocar na questão do tempo e sua influência sob as pretensões e ações humanas, de acordo com Silva (2011, p. 01), em Machado:

Ele é um artifício utilizado não somente nas relações amorosas, mas em quase todas as situações da vida cotidiana, Machado mergulha no inconsciente humano e traz à superfície, de modo escancarado, esse escondido trunfo da mente que trabalha em benefício do orgulho e vaidade humanos, convidando o leitor a buscar em si próprio todos os pontos cegos e armadilhas usadas ao longo de sua existência para justificar seus sentimentos e atitudes perante a realidade. Talvez nenhum outro autor tenha ido tão longe até então.

“Eterno!” é uma narrativa que conta uma parte da história de Simeão Antônio de Barros, um “vadio” estudante de medicina do Rio de Janeiro, órfão, que tinha apenas um tio que morava na Bahia e lhe pagava as contas. A trama é narrada sob a ótica dele mesmo em forma de *flashback* e, por várias vezes o narrador chama o leitor para participar da narração mesmo como espectador, para que este procure possíveis paralelos, se preocupando sempre com suas impressões a respeito da obra.

O narrador, por vezes, intervém na história e ele se volta ao leitor com tom humorístico e às vezes, irônico. Nesse diálogo, metalinguisticamente, Machado inova (de acordo com nossas pesquisas) com a teoria contraposta para a época: “Daí a esperança que me fica, de não ser condenado absolutamente pela consciência dos que me lêem(...)”; “(...)Não me ria, note-se bem(...)”.

Protagonista, o narrador pode compartilhar esta posição com o *tempo* que toma grande destaque ao longo do conto. O narrador se movimenta pelo tempo e pelo espaço, iniciando sua crônica em qualquer ponto temporal e por um objeto sem tempo, sem, contudo, aniquilar a noção de tempo como fluxo objetivo, ou seja, existe uma flexibilidade elástica na narração e na sequência dos fatos.

Ele sugere a ideia de que a eternização se dá pela intensidade do momento, de que a humanidade é moldada gradativamente quando disposta em favor do tempo, em seu aspecto material/físico e psicológico. Relações são estabelecidas e desfeitas a partir de pequenos momentos que se “eternizam” e preenchem-se para esculpir tanto o caráter psicológico pessoal, quanto a construção de vínculos sociais.

Simeão, amigo e incumbido da missão de descobrir os sentimentos da baronesa para com Norberto, que está apaixonado por ela, e avisá-lo, pretende fazê-lo, pois: “(...) padecia com ele, a razão cedia à compaixão, as nossas naturezas fundiam-se em uma só lástima. Daí esta promessa que lhe fiz” (p. 04). Ao ponto que Simeão se aproximava da Baronesa se afastava do “pacto imoral” que o impôs a esta aproximação: “Comecei a escrever menos ao Norberto e a falar pouco de Iaiá Lindinha, como quem não ia à casa dela. Não relia as cartas” (p. 7).

Machado demonstra perfis de mulheres que se constituem a partir de características que se somam e se expressam explicitamente em sua obra, como dissimuladas, ambíguas, interesseiras, ardilosas. Ele não propõe conceitos negativos, possivelmente, o que sugere são atitudes de defesa diante de uma sociedade machista e patriarcal.

Vejamos alguns exemplos de elementos temporais que influíram no desenvolvimento do enredo, por exemplo com relação a Iaiá Lindinha, respectivamente, a relação de Simeão e da baronesa se constrói e avança como o tempo que passa e que se torna aliado para essa construção:

Não podia haver para mim melhores impressões de entrada. Divina juventude!
as cousas novas pagavam-me em dobro as cousas velhas [...].

A baronesa — ou Iaiá Lindinha, que era ainda o nome dado por toda a gente, — recebeu-me -com tanta graça, e o marido era tão hospedeiro e bom, que me envergonhei da particular comissão que trazia (p. 05).

Já então as nossas relações eram familiares. Visitava-os a miúdo. Quando lá não ia três noites seguidas [...]

A morte resolveu o problema, levando consigo o barão, por meio de um ataque de apoplexia, no dia vinte e três de março de 1861, às seis horas da tarde [...]

Quando eu lhe pedi, três meses depois, que, acabado o luto, casasse comigo, Iaiá Lindinha não estranhou nem me despediu. Ao contrário, respondeu que sim (MACHADO DE ASSIS, 1889, p. 07).

Por outro lado, no início do enredo, Norberto cria que a baronesa lhe tinha apressado, mesmo que seu amigo tenha lhe dito que iria tentar se certificar disso e avisá-lo o que foi sendo desconsiderado no decorrer da trama, “Já lá vão vinte e sete anos!” e já iam em mais de três anos que não se escreviam, com isso as atitudes de ambos mudam com relação ao combinado, nesse ponto é notória, a vulnerabilidade do amor romântico proposta pelo autor.

Apesar de ser esse sentimento o motivo e o sentido da sua existência, sendo passível de esmero pelo tempo, o personagem opta por manter-se financeira e socialmente seguro a fugir e seguir seu amor, como é comum em romances típicos do Romantismo. No futuro, Norberto casa-se como é exigido socialmente, o que evidencia a insustentabilidade de uma relação platônica romântica.

Quanto à Iaiá Lindinha, ela reconhece que deve gratidão pelo tempo em que esteve em boa “condição de vida”, o que o autor objetiva, é que ela é extremamente direcionada para seus interesses pessoais, financeiros e sociais: “—Ouça-me, só me caso com um doutor”.

Nesse sentido, a compreensão desse aspecto no decorrer do conto provoca uma reflexão sobre a assimetria que existe entre o confronto de uma possível fugacidade psicológica, que é demarcada pela transição ou pela fixação do/no mutável para/ou o/no permanente, respectivamente. Efemeridade e Eternização disputam lugar de destaque tanto no psicológico do narrador-personagem quanto no decorrer do enredo.

Esta assimetria no âmbito da superação dialética é entendida de acordo com BOSI (2014 p. 244) como “(...) o *instante* decisivo de uma existência *que* permanece e remanesce como tal e perdura com toda a sua intensidade primeira, não podendo ser nem apagado, nem dialeticamente superado.” (grifo nosso).

Simeão apresenta a juventude como o “primeiro dos direitos do homem” que, segundo ele, deve tomar lugar de destaque sobre as outras convenções sociais. Deste modo, é perceptível que autor dá importância à idade das personagens, especificando

novamente a importância de elementos temporais na construção da obra, de modo que a quase todas, faz menção: “[...] Norberto. Éramos da mesma idade, estudávamos medicina, com a diferença que eu repetia o terceiro ano”; “[...] que eu tinha vinte anos, — o primeiro dos direitos do homem”; “[...] a baronesa tinha menos trinta anos que o barão; ia em vinte e quatro”; “[...] uma criança, outra criança de ano e meio”; “[...] era uma menina. Revia-se nela, encantado. Tinha cinco meses por ora; mas se eu voltasse ali quinze anos depois, veria que mocetona”.

O próprio título merece uma análise linguística, ao ler “Eterno!” o leitor alude ao que não se pode ser medido, que é infinito, perpétuo. E, remetendo à tempo, que pode ser entendido por ter uma duração, pode ser medido, e, aqui, podemos supor que está sendo apresentado como tendo uma ação transformadora.

O narrador supõe que gradativamente as coisas vão sendo esmeradas, sublimadas, lapidadas com o passar do tempo: “[...] despeguei-me de todas as vadiações antigas”. Por exemplo: no início da trama, Norberto afirma dramática e veementemente que “o desengano matá-lo-ia, porque esse amor, eterno como era, iria fartar-se na morte e na eternidade”(p. 04).

Percebemos, no entanto, que, ao estabelecer uma relação com nossa sociedade, notamos que nesse sentido, o tempo pode sorver uma ação devastadora da vida social, pois leva consigo as recordações ou ensina a disfarçá-las – quando Norberto depois de anos reencontra seu amigo Simeão não toca no assunto do último encontro, ao contrário, se mostra feliz e confortável com sua esposa.

A assimetria se faz presente na expressão de seu sentimento, porque havia dito há mais de vinte e sete anos, a mesma coisa, em situação semelhante. Esse tempo passado, ele defende com a mesma certeza sobre outra mulher, sua atual esposa, Carmela: “ Não te digo o sentimento que nos prende, estas cousas sentem-se, não se exprimem. De que sorris? Achas-me naturalmente criança. Creio que sim; criança eterna, como é eterno o meu amor” (p. 10).

Ao tocar na questão do tempo, objeto presente nas reflexões sobre a eternização do amor, como também em várias situações da vida, Machado de Assis aborda o inconsciente humano, mostrando esse oculto subterfúgio da mente que também trabalha, além de outros aspectos, em benefício do orgulho, interesse, e gera conflitos psicológicos humanos, usados ao longo de sua existência para justificar seus sentimentos e atitudes perante a realidade.

Seguindo a perspectiva da efemeridade contraposta à eternização, a juventude é exaltada como momento a ser bem aproveitado, reafirmando a noção da *eternização* pela intensidade do momento “Divina juventude! as cousas novas pagavam-me em dobro as cousas velhas.” Contrapondo esta ideia, o narrador apresenta a afirmação de que, com o tempo, o que era escuro e feio – usando o termo “lodo” –, quando é dado aos cuidados do tempo é devolvido na forma bela e brilhante de “diamantes; quando menos, em cascalho.”

O autor destaca pontos de referência à elementos temporais como na ênfase que dá a trechos da trama, pontuados, por muitas vezes, com uso das reticências para produzir a sensação de pausa, mas também de que se passam fases, fases que nos permite relacionar pelo que proposto em sua estrutura de referência crítica social, a eventos que refletem os períodos por que passa a sociedade, contudo ela permanece a mesma em seus aspectos estruturais de poder e hierarquia que são a base social de prestígio.

A partir destas sugestões o leitor é estimulado a ter uma atitude crítica e participativa, pois o enredo é organizado de maneira a exigir uma leitura atenta para sua reflexão:

[...] o silêncio.

[...] Mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico.

[...] O maroto parece eterno no lugar; tem aí não sei que compadres... Outros dizem que... Não me meto nisso... Lá quebrar-lhe a cara...(MACHADO DE ASSIS, 1889, p.10)

O narrador mostra que o tempo contribui com as mudanças sociais e psicológicas e que por vezes existem questões que apenas o próprio tempo se encarrega de responder.

Como a menção aos efeitos sonoros que sugerem a indicação do passar do tempo do relógio a parti da figura de linguagem, a onomatopeia o *tic tac*, possivelmente sugerindo uma referência ao caminho que se percorre ao longo da vida, ou aos conflitos psicológicos que as pessoas enfrentam desde a infância até “morrer”, o narrador se mostra mais reflexivo sobre as coisas da vida, da natureza que o cerca

Moderei o passo, e pus-me a olhar para as ondas que vinham ali bater e morrer. Cá dentro, ressoava, como um trecho musical, a pergunta que fizera ao cocheiro: O que é eterno? As ondas, mais discretas que ele, não me contaram os seus particulares, vinham vindo, morriam, vinham vindo, morriam. (MACHADO DE ASSIS, 1889, p. 10)

Seguindo essa perspectiva, o narrador sugere que o Amor seja o elemento a ser identificado como “Eterno”, ou que se faz pleno na eternidade, expondo novamente, através da personagem Norberto, a assimetria temporal: “[...] afirmou que o desengano matá-lo-ia, porque esse amor, eterno como era, iria fartar-se na morte e na eternidade. (...)”.

É possível destacar no conto uma clara elasticidade temporal, onde o tempo psicológico caracterizado pelo narrador flui independentemente do tempo cronológico também destacado de forma enfática por ele: o conto é narrado de forma assimétrica, mas em perfeita conexão, e denota vários pontos de contato entre o psicológico e o cronológico, mesmo porque estes pontos fazem referência aos comportamentos e conflitos interiores às personagens.

A medida que a construção temporal evolui no texto, evolui com ela o diálogo com a realidade da sociedade. Machado de Assis propõe que o amor é relativo, assim também é a fidelidade da amizade quando o tempo confronta o homem entre estes e seus interesses pessoais.

O leitor se envolve na intensidade do tempo da narrativa, relação de envolvimento que só se desfaz ao final da leitura, que à propósito é sinalizada brilhantemente pelo autor com reticências o que reforça ainda mais o propósito de reflexão acerca de “Eterno!”:

— O que é eterno, Iaiá Lindinha?

Ela, suspirando:

— Ingrato! é o amor que te tenho.

Jantei sem remorsos; ao contrário, tranquilo e jovial. Cousas do Tempo! Dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamantes... (MACHADO DE ASSIS, 1889, p.10)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas observações feitas, consideramos que Machado de Assis, sendo um dos mais singulares produtores romanescos do século XIX, pressupõe um rompimento literário com o naturalismo e com o romantismo: ele não se preocupa em apenas criar copias de uma realidade que lhe seja exterior, seus trabalhos dão conta dos fatos sociais da realidade conferindo-lhes significações específicas de suas produções inovadoras. Ou

seja, percebe-se que nas narrativas machadianas mesmo havendo lugar para artifícios dispostos a iludir o leitor sobre alguma referencialidade, sobre alguma realidade exterior à obra, se evidencia, também, a construção de um texto ficcional que se mostra ao leitor por si mesmo e que o faz meditar sobre a sociedade em que se encontra.

As conquistas, as derrotas, as eventualidades, nossos atos e privações que encontramos no passado contribuíram para a construção do que somos hoje, mesmo pela severidade aparente de nossa realidade, ela é certamente o que se pode crer. O passado é imutável.

Ricoeur (1975 apud Sivinsk, 2005) afirma que:

[...] em toda cultura a narrativa provê à forma da experiência do tempo. Contando histórias, os homens articulam experiência do tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais de desenvolvimento, marcam com enredos e desenlaces o curso muito complicado das ações reais dos homens.

É possível a existência de um recomeço, certos que nada é original, primeiro, que tudo é recriação, compreendemos a partir do conto machadiano que analisamos, que possivelmente *Eterno* com toda singularidade que lhe condiz, é o tempo, pois este, mesmo que passe, mesmo que mude, este sim está, pela velocidade que lhe é imanente, presente num espaço mutante onde os acontecimentos da vida das pessoas ficam ligados, metabolicamente a uma ordem espaço temporal e são bem construídos por ela.

Para interpretar e representar o destino particular das pessoas, recorre constantemente ao motivo cronotópico da *transformação* pelos artifícios do tempo: o vadio estudante de medicina que se transformou num respeitável doutor e marido da baronesa; o amigo Norberto, que confiava no outro e esperava-o “na rua, até perto de uma hora da noite, defronte a casa de pensão” para receber conforto, tão “apegado” sentimentalmente ao amigo, passa a se distanciar de Simeão e não expressar mais almejo pela anteriormente mais a desejada Baronesa, casando-se com outra e não convidando o próprio amigo para a festividade; entre outras reafirmações características das personagens de *Eterno*!

Por meio da aliança entre crônica e romance, Machado, a partir de uma instabilidade de gênero textual, foi mais além e revelou uma instabilidade de espírito, que o próprio autor experimentou por estar durante quase toda a vida dividido entre o jornalismo e a literatura. Encarnando um movimento de idas e voltas, numa dinâmica em que o tempo cronológico é constantemente subvertido em favor de um tempo universal, Machado buscou o passado para falar com maestria do seu presente, atingindo as esferas não só do local e do contemporâneo, mas do universal e do imortal, deixando um legado inestimável para o realismo e a literatura como um todo. OLIVEIRA (2012, p. __?)

Assim, podemos notar que até mesmo um cético e materialista disposto aos artifícios do tempo e de seus desígnios pode se tornar um romântico, sentimentalista, um idealista platônico, quando não, sofre reafirmações em sua personalidade que afetam sempre significativamente seus atos e os acontecimentos sociais em sua vida pessoal e interpessoal. Por esse motivo sua literatura é considerada atual, pois apresenta um caráter realista psicológico que caracteriza os seres humanos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Páginas Recolhidas**. Belém: NEAD: Núcleo de Educação Distância, s.d. Disponível em www.nead.unama.br
- BOSI, Alfredo. *A máscara e a fenda*.
- ANTUNES, António Lobo. **Livro de crônicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. -1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In: *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto**, cit. p. 35. In: <http://www.uniritter.edu.br/>
- COUTINHO, Afrânio. **Estudo crítico; Machado de Assis na literatura brasileira**. In: MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. V.1. p. 23-65. (Obra publicada em três volumes).
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.
- JÚNIOR, Jair Rodrigues de Aguiar. **“COMEU O ETERNO E DEIXOU O MINUTO”:** O TEMPO DA ESCRITA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS. Belo Horizonte Faculdade de Letras da UFMG 2006.
- NETO, Miguel Sanches. **O IDEAL DO CRITICO**. 1. Ed. Sabor Literário. José Olímpio, 2008.
- NUNES, Benedito. **O TEMPO NA NARRATIVA**. Editora Ática, Pará, 2003.

OLIVEIRA, Diego Silva de. **A CRÔNICA NO ROMANCE DE MACHADO DE ASSIS – UMA CONFLUÊNCIA DE GÊNEROS EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**. Universidade De Brasília, BRASÍLIA/DF 2012.

PEREIRA, Maria Regina Fedri. **O Tempo Nunesiano em Conto de Escola de Machado De Assis**. Akrópolis, Umuarama, v.12, n°.3, jul./set., 2004.

RANGEL, Maria Tereza Targino de Araújo. **História e ficção na construção do conflito trágico em *As Bruxas de Salém*, de Arthur Miller**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB. 2011.

SILVA, Carla dos Santos. **Análise do conto Eterno, Machado De Assis**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais Literatura Brasileira IV – Prof.º Augusto Massi. 24 de novembro de 2011;

SIVINSKI, Daniel Jacobsen. **A Identidade Narrativa de Paul Ricoeur: Pressupostos, referências e proposta Paul Ricoeur**“S Narrative Identity: Tenets, References, And Proposal. Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas, Ourinhos/SP, Nº 03, 2005.

VOGEL, Daisi Irmgard. **MACHADO DE ASSIS: OTEMPO E O CRONISTA**. Anuário de Literatura 2, 1994, pp. 73-81.

WOLFF, Jorge. **Tal Brasil, qual romance?** Literatura não é documento. Sobre Ana Cristina César e Flora Süssekind. *Crítica Cultural (Critic)*, Palhoça, SC, v. 8, n. 2, p. 323-338, jul./dez. 2013